

IMAGINÁRIO E MELANCOLIA EM VERSOS: FLORBELA ESPANCA EM “LÁGRIMAS OCULTAS” E “A MINHA DOR”

IMAGINARY AND MELANCHOLY IN VERSES: FLORBELA ESPANCA IN “LÁGRIMAS OCULTAS” AND “A MINHA DOR”

Luiza Liene Bressan da Costa¹
Marília Köenig²
Maria Gisele Bezerra de Lima³

Resumo: Este estudo traz à tona a alma feminina marcada pelos símbolos que sugerem a dor, a melancolia e o vazio existencial presentes na vida e, conseqüentemente, na obra de Florbela Espanca. Trata-se aqui de uma análise poética, um estudo descritivo, de estofamento bibliográfico, cuja linha teórica está centrada nos estudos do Imaginário de Durand (2012), objetivando compreender os sentimentos ecoados nos poemas “Lágrimas Ocultas” e “A Minha Dor”, da poetisa, que foram publicados no *Livro de Mágoas* (1919). Buscamos, a partir desses sonetos, analisar a manifestação da melancolia e da dor nessa beletrista emblemática para a Literatura Portuguesa. Também estudamos, ainda que de forma sucinta, os desdobramentos do feminino que reverberam nos poemas em análise e repercutem na biografia da autora, em palavras doridas que espelham os inúmeros sofrimentos que ela vivenciou. Para isso, fundamentamo-nos em Araujo (2020), Frazão (2024) e outros estudiosos. Por meio deste trabalho, foi-nos possível compreender o imaginário das dores advindas do amor exposto na produção de Florbela Espanca. Portanto, concluímos que esta é uma investigação acadêmica válida e que colabora, junto com outras investigações de nossos pares, para resgatar o brilhantismo e o pioneirismo de Florbela Espanca, silenciados pelo cânone literário português, mau grado seu.

Palavras-chave: Imaginário; Símbolos; Feminino; Melancolia na Poesia de Florbela Espanca.

Abstract: This study brings to light the feminine soul marked by symbols that suggest pain, melancholy and existential emptiness present in the life and, consequently, Florbela Espanca’s work. This is a poetic analysis, a descriptive study, with bibliographical support, whose theoretical line is centered on Durand’s studies of Imaginary (2012), aiming to understand the feelings echoed in the poems “Lágrimas Ocultas” and “A Minha Dor”, by the poetess, which were published in the *Livro de Mágoas* (1919). Based on these sonnets, we seek to analyze the manifestation of melancholy and pain in this emblematic writer of Portuguese Literature. We also study, albeit succinctly, the unfolding of the feminine that reverberate in the poems under analysis and have repercussions in the author’s biography, in painful words that reflect the countless sufferings she experienced. To this end, we based ourselves on Araujo (2020), Frazão (2024) and other scholars. Through this work, we were able to understand the imaginary of the pains arising from love exposed in Florbela Espanca’s production. Therefore, we conclude that this is a valid academic investigation that collaborates, together with other investigations by our peers, to rescue Florbela Espanca’s brilliance and pioneering spirit, silenced by the Portuguese literary canon, despite herself.

Keywords: Imaginary; Symbols; Feminine; Melancholy in Florbela Espanca’s Poetry.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Compartilha Igual 4.0 Internacional

¹ Doutora em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). Professora do Centro Universitário Barriga Verde (Unibave). *E-mail:* luizalbc@yahoo.com.br.

² Doutora em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). Pesquisadora independente. *E-mail:* maiam_78@hotmail.com.

³ Licencianda em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora da Rede Municipal de Ensino de Solonópole-CE. *E-mail:* giselybezerra361@gmail.com.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo, ancorado nos pressupostos teórico-metodológicos do Imaginário, tem por objetivo estudar dois poemas de Florbela Espanca, poetisa portuguesa cuja trajetória de vida é envolta em melancolia, dor e morte. Os estudos do Imaginário desenvolvidos por Durand (2012) trazem a ideia de que, frente à aterrorizante consciência da morte e do devir, o ser humano adota atitudes imaginativas que buscam negar e superar esse destino inevitável ou transformar e converter seus significados para algo que seja aceitável.

Essas posturas imaginativas resultam na percepção, produção e reprodução de símbolos, imagens, mitos e arquétipos pelo ser humano. Esse conjunto de elementos simbólicos formaria, portanto, o “Imaginário”, cuja principal função seria levar o ser humano a um equilíbrio biopsicossocial diante da percepção da temporalidade e, conseqüentemente, da finitude. Nesse sentido, a teoria auxilia na compreensão dos aspectos melancólicos da obra de Espanca.

Dialogando com os estudos do Imaginário e com a poética dessa poetisa, tecemos algumas linhas sobre a temática neste artigo, fruto de uma investigação bibliográfica, sendo assim, uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza básica e de objetivo exploratório.

Destarte, nas seções que seguem, teremos o Marco Teórico, que delinea aspectos biográficos e literários da intelectual em tela, e a seção Resultados e Discussão, onde discorreremos sobre as interligações dialógicas entre o Imaginário e dois poemas de Espanca.

Para que entendamos a profundidade e a intensidade dos sentimentos que permeiam a obra dessa beletrista, faz-se necessário destacar, na sequência, o imaginário do amor e da dor que o acompanha, tão visceralmente impressos em seus versos.

1 MARCO TEÓRICO

1.1 Florbela Espanca: a simbiose entre a mulher e a dor

No campo da Literatura, temos escritoras que reivindicaram/reivindicam seus direitos por meio de atos insubordinados e, o mais das vezes, plasmados em movimentos sociais – como o feminismo. Já outras participaram/participam de forma diferente, mais sutil, mas tentavam/tentam tocar a alma humana através de seus textos. É o que encontramos e sentimos ao lermos e estudarmos os poemas de Florbela Espanca. Foi esse um dos pontos pelos quais nossa escritora se destacou, especialmente *post mortem*: por apresentar, em sua poesia, uma profundidade incomum.

Conforme Silva (2015), ela tanto é considerada dramática como inovadora em muitos sentidos. Suas atitudes insubmissas e feministas extrapolaram a sua vida e cristalizaram-se em

seus sonetos. A poetisa dos excessos deixou marcados, em textos, elementos como o desejo e o amor, o sonho e a rejeição – sentimentos que eram considerados “tabus” para as mulheres de seu tempo porque a sociedade queria (como ainda quer) que as mulheres fossem/sejam alheias a esses sentimentos – ou que não os expressassem/expressassem tal qual o faziam/fazem os homens.

Além de cursar duas faculdades em um tempo e lugar não afeitos à presença feminina no espaço público intelectual, Florbela usava calças compridas em vez de vestidos, fumava, bebia socialmente e dirigia automóveis – hábitos masculinos e inimagináveis para uma mulher respeitável de então. Sua poética, de tom confessional, transpira desejo, sensualidade e erotismo, e ela teve inúmeros *affairs*. Ia a festas desacompanhada e delas saía acompanhada para desfrutar de noites e dias de amor sem culpa nem falsos pudores. Frazão (2024, p. 2) assim define a sua personalidade singular, que antecipou o feminismo em seu país: “Seu caráter sentimental, confessional, sempre marcado pela sua paixão e sua voz feminina, a tornou uma grande figura do feminismo nas primeiras décadas da literatura portuguesa do século XX”.

Todas essas inovações ela transferiu para os seus escritos, que não se encaixavam nos parâmetros de nenhuma escola literária específica no momento no qual foram concebidos e publicados. Bonfim (2015) defende que Florbela d’Alma da Conceição Espanca foi uma das poetisas mais exponenciais da Literatura Portuguesa, a maior sonetista depois de Luís de Camões, e que tinha como data de nascimento o dia oito de dezembro – uma efeméride bastante celebrada pelo povo português por ser o dia de Nossa Senhora da Conceição. Segundo Araujo (2020), ela foi criada em uma família que gostava de Arte.

Seu pai, o republicano português João Maria Espanca, era antiquário, desenhista, negociante de cabedais, pintor, sapateiro e, principalmente, cinematógrafo – o que *per se* simbolizava a sua boa situação financeira. Contudo, por mais abastada e intelectualizada que a Família Espanca fosse, a frieza na relação pais-filhos marcou profundamente a jovem Florbela.

Observamos, consoante Silva (2015), que ao longo de sua trajetória, a literata enfrentou diversas perdas que lhe causaram enorme sofrimento e que repercutiram em suas obras: uma gestação que terminou em um aborto espontâneo – trazendo-lhe problemas de saúde, afetando os seus ovários e pulmão –; a morte de sua mãe, Antónia da Conceição Lobo; e a pior delas: a morte do seu único irmão, três anos mais novo do que ela, seu amado Apeles, em um trágico acidente de avião no ano de 1926, possivelmente fruto de um suicídio provocado por uma desilusão amorosa. Essas mortes inegavelmente trouxeram para Espanca o contato profundo com a dor e com a melancolia, afetando o seu psicológico, cujas consequências tiveram como resultado o seu autoextermínio extemporâneo, já que a busca pelo amor foi, de fato, o *leitmotiv*

de sua atormentada Existência e a falta dele a marcou de forma indelével, sem jamais preencher os seus vazios emocionais.

Florbela era de fraca estrutura egoica, pois jamais sentira o amor de seus pais por si nem na infância nem na adolescência, quando a personalidade do sujeito é construída (Araujo, 2020). Somente Apeles a amou verdadeiramente – e ela a ele. Seu primeiro soneto, *verbi gratia*, foi dedicado a esse irmão. Por infortúnio, todos os relacionamentos amorosos e casamentos de nossa poetisa foram desastrosos. Entre o final de um deles e um ano após a morte de Apeles, ela idealizou e tentou o suicídio pela primeira vez. O ano era 1928 e esse comportamento desesperançado tornar-se-ia comum em suas crises existenciais dali em diante –, e que culminariam em êxito, infelizmente, em seu 36º aniversário, em 1930, após a ingestão massiva de barbitúricos, na cidade portuguesa de Matosinhos, área metropolitana do Porto. Entre um episódio e outro, a primeira e a última tentativa de autocídio, ela teve duas tentativas mais – ambas frustradas: uma em outubro e a outra em novembro desse mesmo ano de 1930.

Estando ela já morta, seu pai somente a reconheceu como filha 18 anos depois, sabendo Florbela, desde sempre, que não era filha da esposa de seu pai, Mariana do Carmo Toscano, mas da secretária do lar que os atendia, Antónia da Conceição Lobo, uma vez que Dona Mariana era infértil e permitira que essa filha e Apeles fossem concebidos assim, já que o esposo queria ser pai. Nascidos fora do casamento, foram registrados como filhos ilegítimos de pai ignoto, tendo Dona Mariana como madrinha de batismo.

Apesar de não lhes negar educação nem recursos financeiros, o pai e a madrinha não lhes dispensaram carinho. Cresceram as duas crianças muito unidas uma à outra, em uma simbiose que se mostraria fatal para Florbela depois, como sabemos. Contudo, em meio a tantas agruras que vieram com ela de berço, pelo menos o seu último pedido foi atendido – pedido este muito bem explicado em sua carta suicida: sem jamais haver recuperado o corpo de Apeles no Rio Tejo, onde ele caíra com a aeronave que pilotava, ela exigiu que partes desta fossem sepultadas com ela. Foi essa a forma que encontrou de partir deste mundo de dor: com objetos que a vinculavam na morte com aquele a quem ela mais amara em vida, afirma Araujo (2020).

A obra de Florbela Espanca é, pelo que podemos vislumbrar, profundamente marcada pelo tema da dor, tão experienciado pela escritora ao longo da vida e explorado com intensidade e profundidade em seus poemas – que ultrapassam o sofrimento físico e emocional, ganhando nuances existenciais e artísticas.

Esse imaginário da dor, na sua poesia, é caracterizado por alguns elementos essenciais que, em contato com a fortuna crítica da autora, é possível perceber. O primeiro desses aspectos é a dor como sinônimo do inatingível. Florbela expressa dor relacionada ao desejo por um amor

ideal, em busca de completude e realização, o qual raramente é alcançado. Ela descreve a ânsia por um amor intenso e absoluto que, ao não se realizar plenamente, traz-lhe sofrimento. Esse amor desejado e impossível é, portanto, inalcançável, e sua ausência é a sua fonte de dor infinita. Para Balieiro e Job (2014, p. 1), “Florbela Espanca instiga seu leitor a mergulhar em uma fascinante viagem por sua obra, que é marcada por um lirismo exacerbado. E a intensidade desse lirismo pode ser entendido como uma tendência para o drama”.

Outro aspecto presente no imaginário em Florbela Espanca é a alternância entre dor e prazer, dicotomia sempre marcante na produção da poetisa portuguesa. A dor, em Florbela, muitas vezes, inclusive, aparece lado a lado com o prazer. Em diversos de seus poemas, a poetisa celebra o amor e o desejo, mas, simultaneamente, aponta o sofrimento que eles trazem. Esse contraste entre o êxtase amoroso e a dor de sua ausência faz com que a angústia se torne quase prazerosa, como se esta fosse uma parte fundamental do amor e do indivíduo que o sente. Essa dualidade caracteriza uma forma de masoquismo emocional onde o sofrimento é, ao mesmo tempo, a prova e o preço da intensidade dos sentimentos (Frazão, 2024).

A poética de Florbela estabelece um intenso diálogo com outras expressões artísticas. Para Silva (2023, p. 7), “Florbela procura dialogar com a tradição e não só, visto que também vai, nessas suas composições poéticas, principalmente as esparsas, dialogar com as cantigas e a expressão mais autêntica da cultura popular”.

Pelo que observamos de sua biografia que rapidamente pontuamos nesta seção, a dor por ela expressada em rimas advinha de um intenso sofrimento existencial que se justifica pela vida atormentada que teve, que lhe provocou uma inesgotável sensação de inadequação, incompreensão e solidão. E muito embora seus poemas sejam dedicados ao amor e à ânsia por conexão, ela constantemente mostra-se distante e apartada do mundo exterior como se fosse impossível alguém realmente compreendê-la. Essa dor existencial é uma forma de isolamento que vai além da solidão física; é a dor de não ser acolhida, estando condenada a uma espécie de solidão perene.

Para ela, a dor também representa um poderoso motor criativo que a faz escrever metacognitivamente, trazendo, com intensidade, uma reflexão sobre o próprio ato de sentir, transformando essas dores em poesia à medida que torna o sofrimento uma forma de transcendência, de lição acerca da dor vivenciada. Em Florbela, a dor, portanto, se torna uma ferramenta que propicia autoconhecimento e forte expressão artística; é a dor sublimada em poemas: “Florbela se questionava, constantemente, sobre o que era afinal ser um/a poeta/poetisa, o que são os versos, qual a função dos poemas, da literatura” (Silva, 2023, p. 2).

A beletrista também reflete sobre a angústia acerca da finitude da vida e da chegada inevitável da morte – especialmente após a morte de Apeles e depois de haver sido diagnosticada com enfisema pulmonar, às vésperas da publicação de *Charneca em Flor*, seu *Magnum Opus*, que veio à luz em 1931, postumamente. Em muitos poemas, Espanca manifesta, em cada verso, o desejo de permanência, de eternidade, de perenidade, o qual, no entanto, é frustrado pela percepção de que a vida é efêmera e de que tudo, inclusive tudo o que se relaciona ao amor e à beleza, está fadado a desaparecer. Esse confronto com a mortalidade cria uma angústia que permeia sua escrita.

A poesia de Florbela Espanca explora, por fim, a dor de forma quase mística, como se o sofrimento fosse uma condição inseparável do amor, da fruição artística e da própria vida. Essa complexidade torna o imaginário da dor inerente ao legado literário de Espanca, repleto de simbolismos e interpretações, tornando-a uma das vozes mais profundas da Literatura em Língua Portuguesa.

Apresentada a autora e seu fazer poético, na próxima seção, traremos os resultados e as análises advindos da percepção da obra de Florbela Espanca à luz da Teoria do Imaginário.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

2.1 A Mitocrítica de Durand (2012) e a Teoria do Imaginário

Para desenvolver o estudo pretendido, utilizamos, como metodologia de trabalho, a Mitocrítica. Durand (2012) elaborou uma metodologia que possibilita a análise de textos literários, como são os textos poéticos de Florbela Espanca escolhidos para análise aqui, em que se aplicam os pressupostos teóricos que ora discutimos.

No regime diurno, temos uma estrutura heroica que coloca em confronto os contrários, trazendo a noção de potência que ora exclui e contradiz, ora cria uma identidade no viés dessa potência contrária de forças. No regime noturno, Durand (2012) pontua duas estruturas: a mística e a dramática, que seriam estruturas harmonizantes dos contrários do regime diurno. O regime noturno nega o binário, o dual, o confronto de forças. Suas estruturas visam à harmonização dos opostos, expressa em Florbela Espanca por meio da dicotomia amor-dor – sempre marcante em seus escritos.

Almeida (2011, p. 24) define a Mitocrítica como “[...] uma técnica de investigação que parte das obras literárias, artísticas, dos relatos, histórias de vida, documentos e narrativas de modo geral para depreender os mitos diretores dessas produções”. Importante destacar que em sua obra *De La Mitocrítica al Mitoanálisis*, Durand (2013) amplifica conceitos essenciais de

seus estudos da imagem, reafirmando que ela carrega em si, de forma implícita, a dinâmica do aparato simbólico, constituído de *schèmes* – arquétipos e imagens arquetípicas e símbolos (centrais) – para desembocar finalmente no mito e em sua família semântica: mitema e mitologema.

Ainda, em sua teoria, Durand (2012) propõe que os elementos da Mitocrítica podem ser analisados a partir do título, da obra de um determinado autor ou de parte de obras de autores, como é o caso deste estudo. O terreno em que se dá nossa investigação abarca um espaço e um tempo que revelam a forma como a dor e a melancolia se ritualizam como modo de se conceber a vida-morte da poetisa.

Podemos dizer que o Imaginário concebido por Durand (2012) tem raízes nos estudos de Jung e em suas investigações sobre o inconsciente coletivo – espécie de material não palpável que se perpetua na sociedade humana; uma energia coletiva, pouco definível se confrontada com a ciência cartesiana. Há, no Imaginário, um dinamismo em que a imagem e o pensamento lógico não são dissociados, pois a imagem carrega um sentido diretamente ligado à significação imaginária, ou seja, um signo, um símbolo. E seria por isso que

[...] o imaginário não só se manifestou como atividade que transforma o mundo – imaginação criadora –, mas, sobretudo como transformação eufêmica do mundo, como *intellectus sanctus*, como ordenança do ser às ordens do melhor (Durand, 2012, p. 432).

O Imaginário nos permite, assim, compreender essa totalidade que está além das percepções puramente sensoriais, impulsionando diferentes sentidos de compreensão do mundo:

O imaginário é um pensamento simbólico total na medida em que esse último “ativa” os diferentes sentidos de compreensão do mundo. Ao mesmo tempo, “reúne” ao construir os esquemas de reconhecimento social: ou seja, “dinamiza” ao fazer variar e evoluir sua própria produção. E é pelo fato de esse pensamento simbólico ser um “mundo criador” que ele se torna dificilmente acessível (Legros *et al.*, 2014, p. 112).

Uma vez que apresentamos Espanca e sua obra, além da metodologia que utilizamos para analisar dois poemas seus, passemos, ato seguido, à aplicação da teoria na prática.

2.2 O Imaginário presente em dois poemas de Florbela Espanca

A potência poética de uma palavra está na encantaria que esta provoca, no excedente de significação que transborda para além da significação, pois o sentido só se dá no Imaginário (Silva, 2017). E esse imaginário evocado por Florbela Espanca é o objeto sobre o qual nos

envolvemos ao estudá-la. Sim, a palavra é esta: envolvimento, pois a poética de Espanca nos enreda, tecida de dor e melancolia, onde a imagem-palavra reverbera a palavra-imagem, trazendo à tona as imagens poéticas que suscitam infindamente.

A fruição da arte não afasta o indivíduo de seus problemas do cotidiano, mas ameniza a sua intensidade, mesmo que temporariamente. É a intensificação do prazer por meio do trabalho, cujas fontes podem ser psíquicas e ou intelectuais: “O trabalho para mim é um supremo e doce remédio. Tenho todas as horas ocupadas, não tendo um instante de meu para pensar que a vida é má e estúpida” (Dal Farra, 2002, p. 227).

A fragilidade e a fugacidade da vida, a impotência diante da necessidade de encontrar um porto seguro trazem consigo uma inconstância de tal ordem que chegam à melancolia, ou seja, o estado constante de alteração emocional que tende ao isolamento, à solidão e à solidão. Buscamos, então, compreender de que forma essa dor existencial aguda penetra na obra de Florbela Espanca, cujo imaginário expressa essa melancolia exacerbada, “a dor que desatina”.

No primeiro soneto elegido para ser esmiuçado analiticamente aqui, intitulado “Lágrimas Ocultas”, as imagens da dor trazem uma oposição semântica à que Durand (2012) denominou *Regime Diurno de Imagens*, em que as antíteses se constituem como forma de ritualizar a vida e a morte. Há ainda a sobreposição da dor ao amor, dicotomia frequentemente presente nos escritos de Florbela, senão vejamos:

Se me ponho a cismar em **outras eras**
Em que ri e cantei, em que era querida,
Parece-me que foi **noutras esferas**,
Parece-me que foi numa **outra vida**...
(Espanca, 1978, p. 3, grifos nossos).

“Outras Eras” nos reporta à ideia do mito da terra prometida, onde viveríamos as delícias de um paraíso transpassado pelo sorriso, pelo canto, pelo sentir-se acolhido; mas a autora revela que essa felicidade foi “noutras esferas” em “outra vida”. Aqui se faz representar a imagem do passado que se contrapõe ao presente. Rir, cantar, ser querida desenham uma harmonia, felicidade, alegria, que contrastam com as lágrimas brancas e calmas. O tempo referido no poema não é o mesmo marcado pelo calendário, ou seja, dá-se em épocas distantes, em outras esferas, outras vidas, outras eras. Retoma-se o mito dos tempos primordiais. Além disso, pode ainda significar que o tempo da felicidade está tão longínquo, tão distante do presente, que parece ter acontecido em outra vida e não nesta.

Tentar evitar o sofrimento é tarefa humana constante. No que tange aos relacionamentos interpessoais, a fuga do contato com o mundo real pode ser uma saída tanto concreta como

mental, quando o ser humano se afasta da realidade e passa a viver na ilusão, como ocorre com as pessoas cujo estado mental encontra-se alterado. Essa vida de delícias plenas se converte na realidade explicitada na segunda estrofe, na qual o eu-lírico revela a dor e a angústia de sua existência:

E a minha triste **boca dolorida**,
Que dantes tinha o rir das Primaveras,
Esbate as linhas graves e severas
E cai num abandono de esquecida!
(Espanca, 1978, p. 3, grifos nossos).

Nesta estrofe, aparece “a boca”, símbolo que repercute a força criativa e também a destrutiva. E aqui a simbologia evoca tristeza e dor e a eterna melancolia do abandono, do sentir-se esquecida. A boca eleva e destrói a palavra (Chevalier; Gheerbrant, 2022). A imagem simbólica da boca entristecida e cheia de dor metaforiza o vazio existencial, transcendendo a semântica da palavra, inaugurando “a dor que desatina”. Nesse sentido, o imaginário se impõe a nós em vários aspectos: imagens, mitos, símbolos, arquétipos e metáforas que pertencem a uma forma de pensamento criador de atos, de movimentos, de reflexões e de sentidos para englobar a realidade que nos rodeia (Houdayer, 2017).

Nos dois tercetos do soneto, a dor se materializa em lágrimas que ninguém verte, senão o eu-lírico, pois estas são íntimas. Aqui é trazida a simbologia da monja que materializa a solidão, a quietude, a manifestação do íntimo em dor:

E fico, pensativa, olhando o vago...
Toma a brandura plácida dum lago
O meu rosto de monja de marfim...

E as **lágrimas que choro**, branca e calma,
Ninguém as vê brotar dentro da alma!
Ninguém as vê cair dentro de mim!
(Espanca, 1978, p. 3, grifos nossos).

O segundo texto selecionado para análise nesta seção é “Minha Dor”, também do *Livro de Mágoas* (1919), e evoca igualmente a simbologia da solidão que vem expressa na semântica da palavra “convento”. O convento é um lugar de isolamento das relações familiares e sociais por excelência; é um reduto de silêncio, onde a dor pode gritar e escorrer em claustros vazios; ecoar pelas paredes endurecidas pelo tempo e ressoar nos sinos que bimbam nos dias e noites sem fim. Nele a solidão se aprofunda e o estado de melancolia se presentifica e nos faz pensar que a melancolia se projeta no fazer poético – e o poético reverbera na existência do eu-lírico, como nos orienta Hassoun (2002, p. 152):

[...] cada uma de suas produções é, em si mesma, uma tentativa de criar um objeto próprio que lhes permita efetuar um trabalho de luto, luto que se cumpre graças ao texto escrito, publicado, e, portanto, o oferecido ao Outro. Essa atividade, atravessada por uma sublime melancolia, não encontra, contudo, sua resolução, como se, a cada vez, o objeto fosse incapaz de se constituir. A escritura, em vez de produzir um alívio, alimenta na verdade o enigma de uma insondável crueldade, semelhante àquela que se inflige o melancólico, desde sempre confrontado a uma perda de que não pode desenhar os contornos [...].

As palavras de Hassoun (2002) confirmam a escrita de Espanca, pois o eu-lírico projeta-se nessa melancolia, aprofunda-se, agiganta-se e não há ninguém para ouvir o lamento da dor, uma vez que, no convento, a clausura cria a aura necessária à repetição do estado contínuo de solidão:

A minha Dor é um convento.
Há lírios dum roxo macerado de martírios,
Tão belos como nunca os viu alguém!
Nesse triste convento aonde eu moro,
Noites e dias rezo e grito e choro!
E ninguém ouve... ninguém vê... ninguém...
(Espanca, 1978, p. 4, grifos nossos).

A poética de Florbela Espanca, que reverbera nos textos analisados (ainda que sucintamente), abarca todas as questões apontadas por Silva (2017). O convento serve para se encostar como se poste fosse, ganhando os contornos das sombras e silhuetas que se revelam na penumbra. E a poetisa é a protagonista dessas desventuras de (des)ver, pois o gosto do poeta é perturbar os sentidos das palavras para que o ilógico apareça, pois a poesia é inapreensível, escorregadia, volátil e transgressora da lógica porque

[...] a noção de imaginário-metáfora de uma transfiguração maravilhosa ou assustadora estimula pensar que se trata de algo indefinível por sua própria constituição, algo como uma estrutura etérea escorada na imaginação: uma noção cultural indefinível por natureza. Um território do “eu” soberano e escapista (Silva, 2017, p. 15).

Nesse sentido, a poética de Florbela Espanca é recoberta de imaginários que libertam sentidos, permitindo que um acontecimento extrapole a linguagem e que o sentido transfigure o acontecido, fazendo-o dizer o que é. Nesse estudo, o dizer o que é nos remete sempre aos estados melancólicos d'alma.

Necessário se faz compreender que o termo “símbolo”, aqui por nós utilizado, refere-se à tarefa de conectar seres, objetos, sentidos e outros. No campo da análise literária, o símbolo também liga o que está separado. Quando analisamos uma obra literária, há sempre uma profusão de imagens que estão ligadas às ideias do autor, à cultura do local onde a obra foi

criada e à época em que o autor está inserido. (Fritsch, 2022). Assim o foi com Florbela Espanca, a segunda maior sonetista da Língua Portuguesa, a poetisa que ousou desafiar o cânone poético português, onde inseriu suas dores em forma de **ARTE**.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre as imagens simbólicas tiveram um caráter de refinamento estrutural com o advento das teorias de Durand. Para ele, o estudo delas depende mais dos padrões culturais e simbólicos de uma determinada sociedade do que de sua linguagem. O autor procura traçar a divisão estrutural das imagens arquetípicas produzidas por construções simbólicas.

A imaginação simbólica pertence ao mundo da consciência indireta e é habitada por padrões arquetípicos. O símbolo é, nesse sentido, uma forma de representar o abstrato, o que é difícil de mensurar – como o ódio, a paixão ou a alma. E completamos: em Florbela Espanca, os símbolos expressam a dor, a melancolia e o desassossego.

Por fim, empreender uma análise literária dos dois poemas já referenciados a partir dos pressupostos teóricos metodológicos do Imaginário, proposto por Durand (2013; 2012) e outros estudiosos, significa buscar, nos elementos estruturais da poética, a certeza de que o ser humano é um animal naturalmente cultural, produtor de significações e produtor de seus imaginários (sejam eles quais forem), pois são estas produções do Imaginário que o impulsionam à construção poética que flagramos em Florbela Espanca, a título de ilustração.

Importante comentar também que o estudo dos dois poemas aqui trazidos revela uma arte literária e confessional, encarnando as fases/faces que a poetisa interpretava em seu cotidiano e a real fisionomia de seu estado de espírito. À medida que seu estado melancólico foi sendo arrastado num turbilhão de episódios de perdas, a atividade intelectual preencheu o vazio de sua Existência e a fez incorporar o culto à morte enquanto possibilidade de libertação.

Nunca Fui Como Todos

Nunca fui como todos
Nunca tive muitos amigos
Nunca fui favorita
Nunca fui o que meus pais queriam
Nunca tive alguém que amasse
Mas tive somente a mim
A minha absoluta verdade
Meu verdadeiro pensamento
O meu conforto nas horas de sofrimento
não vivo sozinha porque gosto
e sim porque aprendi a ser só...
(Florbela Espanca)

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. de. **O Criador de Mitos**: educação e imaginário em Fernando Pessoa. São Paulo: Educ, 2011.
- ARAÚJO, T. Aula 7 – Florbela Espanca – I Edição (2020/2021). **YouTube** – Grupo de Estudos Filhas de Avalon – O Feminino em Pauta, 17 set. 2020 (02:37:52). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wGV2DA-7Bmg&list=PLXxkjHl4ts0MQvJSP1mGW5SeEQLU32wEz&index=8>. Acesso em: 4 set. 2024.
- BALIEIRO, M. dos S. JOB, S. M. **O Drama e o Lírico em dois Poemas de Florbela Espanca**. Disponível em: https://www.coloquiodeletras.ufpa.br/downloads/i-coloquio/anais/29_marcia.pdf. Acesso em: 9 nov. 2024.
- BONFIM, R. O. A outra Florbela Espanca. **Revista Ágora**, Vitória, n. 22, p. 111-123, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/agora/article/view/13611>. Acesso em: 9 nov. 2024.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos**. Mitos, sonhos, costumes, gestos, figuras, cores, números. Trad. de Vera Costa e Silva *et al.* 37. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022.
- DAL FARRA, M. L. (org.). **Afinado desconcerto** (contos, cartas, diário). São Paulo: Iluminuras, 2002.
- DURAND, G. **De la mitocrítica al mitoanálisis**. Figuras míticas y aspectos de la obra. Prefacio de Blanca Solares e introducción de Alain Verjat. Barcelona: Anthropos; México: Universidad Nacional Autónoma de México. Facultad de Ciencias Políticas y Sociales, 2013.
- DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Introdução à arquetipologia geral. Trad. de Hélder Godinho. 4. ed. São Paulo: WMF Martins e Fontes, 2012.
- ESPANCA, F. **Sonetos**. Amadora: Bertrand, 1978.
- FRAZÃO, D. **Biografia de Florbela Espanca**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/florbela_espanca/#:~:text=Sua%20poesia%20%C3%A9%20conhecida%20por,8%20de%20dezembro%20de%20201894. Acesso em: 10 nov. 2024.
- FRITSCH, V. H. de. Dos dois jeitos desse adeus é que a gente inventa a vida: representações imagéticas da morte na Literatura Infantil. **Miscelânea**, Assis, v. 32, p. 447-465, jul./dez., 2022. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/2607/2103>. Acesso em: 19 nov. 2024.
- HASSOUN, J. **A crueldade melancólica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- HOUDAYER, H. Pensar o universo natural a partir dos regimes da imagem. O pensamento de Gilbert Durand. **Revista Famecos** – mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, v. 24, n. 3, set./dez., 2017. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/27395/15695>. Acesso em: 19 nov. 2024.

LEGROS, P.; MONNEYRON, F.; RENARD, J.; TACUSSEL, P. **Sociologia do imaginário**. 2. ed. Tradução de Eduardo Portanova Barros. Porto Alegre: Sulina, 2014.

SILVA, E. K. A representação feminina na obra poética de Florbela Espanca. **Web Revista, Linguagem, Educação e Memória**, [S. l.], v. 8, n. 8, p. 1-24, 2015. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/WRLEM/article/view/3492>. Acesso em: 9 nov. 2024.

SILVA, F. M. A gênese literária em Florbela Espanca. **Convergência Lusíada**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 49, jan./jun., p. 236-251, 2023. Disponível em: [file:///D:/USUARIO/Downloads/679-Texto%20do%20artigo-2398-2460-10-20230703%20\(1\).pdf](file:///D:/USUARIO/Downloads/679-Texto%20do%20artigo-2398-2460-10-20230703%20(1).pdf). Acesso em: 8 nov. 2024.

SILVA, J. **Diferença e Descobrimento**. O que é o imaginário? (A hipótese do excedente de significação). Porto Alegre: Sulina, 2017.